**2020**

**BODY A**

21/10 a 20/10 às 20h30

youtube / site / galerias em cena - online & gratuito

Uma video instalação de Colette Sadler e Mikko Gaestel

Um objeto monolítico solitário vasculha relíquias do ser humano, seus gestos, imagens e artefatos. Sem carne, sem desejo, sem morte, essa agência algorítmica especula a partir da perspectiva da alteridade futura.

*…….limpar x para os ativos valiosos de um sistema obsoleto…….. eu eu eu eu eu*

*perda perda perdas as as as assas sssssss pletora colapsando cantando de volta para dobrar em si mesmo, seja para mim mais como um eco……*

Tenho me interessado em conectar uma dramaturgia física com ideias conceituais. Então, em 2016 e 2017 eu comecei uma nova fase de pesquisa olhando para esse futuro dos corpos. Para mim, conectar com esse corpo sify foi uma forma de reinventar ou reimaginar o que o corpo poderia ser ou possa se tornar. Então em Learning From The Future eu inventei um corpo protótipo que tem o nome de Body A. E só tem um desse corpo, ou seja: ele não é social e não vive em comunidade. O corpo na peça reenquadra a ideia de tecnologia e testa limites sobre a relação entre humano e não humano, entre corpo e dados/ informação.

Em Body A a gente entra nessa ideia do protótipo de corpo que, de alguma forma, criou uma versão de humano, como algum tipo de übermensch (sobrehumano) já que, de alguma forma, é uma versão instalada do humano como um guerreiro espiritual. Esse corpo que carrega com ela alguns conceitos que me interessam: que conectam com ela essas outras temáticas mais amplas como ecologia e futuro digital, por exemplo.

Para o desenvolvimento de Learning From The Future eu comecei, na verdade, com Body A com quem trabalhei com a dançarina super virtuosa Leah Marojevic. Foi muito interessante trabalhar com ela, porque ela trouxe à vida possibilidades extremas para esse corpo, para o que ele poderia fazer. Nós conversamos sobre construir uma antropologia para Body A, como ela move sua cabeça, seus olhos… Esse corpo absorvendo informações ou viajando através de um movimento sobre o corpo humano, entendendo os aspectos do não humano. E com a video instalação que faz parte da performance a gente queria ter um performer não humano. Um algoritmo ficcional que habita o espaço com a Body A. E eles são ambos tipos de Body A’s. Talvez a videoarte seja o future future body (corpo futuro futuro), quando o corpo humano não for mais necessário em algum tipo de inteligência artificial.

**26/10 | Corpo Futuro (leitura performática) + Conversas Psicanalíticas**

26/10 às 21h

youtube / site - online & gratuito

Corpo futuro é uma peça onde uma atriz é o corpo-voz de várias mulheres que gritam ou sussurram, das mulheres que superaram, de todas as mulheres que não devem ser esquecidas, das mulheres que constroem um novo corpo para o futuro. Da antiguidade clássica à contemporaneidade, também a História da Arte como impulsionadora de equívocos, Corpo futuro é a casa de quem aspira por um novo mundo.

Ficha técnica

Texto e direção: Ricardo Cabaça

Elenco: Evelyn Ligocki e Haroldo Costa Ferrari

foto: Nathália Severo

**Conversas Psicanalíticas Sobre o Texto Corpo Futuro**

Após o espetáculo No Youtube

A Atriz Evilyn Ligocki e o diretor e dramaturgo Ricardo Cabaça conversam com Regina Klarmann, coordenadora do grupo de estudos psicanalíticos relacionados com a mulher e o feminino na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre – SPPA. Com a mediação de Fernando Zugno.

**As I collapse**

29/10 e 30/10 às 18h, 18h45, 20h e 20h45

Zoom - online

*um trabalho coreográfico para um humano e milhões de seres microscópicos*

A instalação é sobre a cognição e sensibilidade entre seres vivos explorados através do elemento água. O formato online oferece uma ponte segura pro distanciamento social entre o espaço físico que você habita como público e o espaço físico que nós habitamos como artistas, englobando o espaço virtual compartilhado onde nos encontramos.

Nosso co-criador em As I Collapse é a microalga luminosa de nome Pyrocystis Fusiformis.

A Pyrocystis Fusiformis pode produzir luz quando exposta a movimentos repentinos, tornando essa alga invisível em visível - mesmo do espaço. Lançando sua luz azul brilhante sobre a superfície do oceano, girando em grandes e numerosos fluxos, elas produzem luz suficiente para torná-los visíveis do espaço sideral.

Abordando esses dois aspectos diferentes de escala e a especial habilidade desse ser microscópico, a instalação elabora um jogo mental no encontro entre o corpo humano e a alga microscópica ao convidar nossos espectadores a se juntar a uma especulação coletiva:

Como seria ser adotado por esses seres microscópicos?

O que significaria se adaptar ao seu habitat, sua organização?

Podemos imaginar extensões familiares através das espécies?

O que ganharíamos ou perderíamos em termos de singularidade, sustentabilidade ou sobrevivência?

O que do “Eu" (I) desmorona (collapse) quando o “nós" se sobrepõe a ele?

E o que já é dividido entre nós?

**Uma experiência com múltiplas camadas**

A água é o habitat natural das algas. A água está em todos nós - não há centro na lógica da água e não há 'nós e eles' - não há binários. Ao longo da performance, você será guiado por uma exploração das diferentes interações com a água. Nós convidamos você a ser curioso, aberto e a usar todos os seus sentidos.

A peça consiste em um número de camadas em que você pode mergulhar e explorar como quiser. Em um vídeo de introdução você pode ouvir os pensamentos por trás da instalação, explicados pela coreógrafa Tina Tarpaard:

Uma das camadas é inteiramente análoga: um encontro com Pyrocystis. Os participantes da experiência poderão buscar uma embalagem contendo uma colônia de algas (informações sobre a retirada no fim da página\*) e instruções sobre cuidados para manutenção. A partir daí, você poderá admirar a habilidade mágica delas em sua própria casa e aproveitar esse encontro físico para começar a refletir sobre algumas das questões que a obra propõe.

A camada principal consiste em uma experiência de desempenho online e via streaming. Aqui a performer Camila Ferraz irá conduzir você através de diferentes possibilidades da água e da vida em um fluxo de palavras e imagens usando diferentes escalas. A performance ocorre em ciclos de 25 minutos. Ela é executada ao vivo e para um público limitado a cada vez. Uma espécie de intimidade digital além das fronteiras físicas.

E para ir mais afundo, você pode experimentar uma meditação guiada com um arquivo de som desenhado com som envolvente de água e um texto escrito pela autora Ida Marie Hede para nós.

Você pode vivenciar as duas camadas uma logo depois da outra ou em momentos diferentes, no seu tempo. E você sempre terá a possibilidade de reviver aqueles que não acontecem ao vivo conosco.

**Repensando o dualismo cultura / natureza**

Criada por um forte time de artistas e cientistas, As I Collapse oferece um discurso renovado sobre sustentabilidade - ao chamar atenção para a precondição para um futuro mais sustentável: nossa relação com nós mesmos e nosso entorno, bem como a compreensão herdada de nós mesmos como superiores a outras formas de vida. As I Collapse quer desafiar nossa compreensão sobre a nossa própria substância biológica e nossa interação com outras. A performance coloca questões críticas, desafiando a premissa humana de ocupar o ponto mais alto da evolução e lida com a redefinição deste papel - incluindo seu impacto na criação da coreografia. Presentemente novos estudos científicos estão tentando repensar e re-conceituar a visão antropocênica do dualismo entre cultura/natureza. Alinhado a esse movimento, As I Collapse quer dissolver esse dualismo ao descentralizar o corpo humano a fim de estabelecer uma relação equilibrada e respeitosa com outras formas de vida.

Ficha técnica

Concepção e coreografia: Tina Tarpgaard / Performer: Camila Ferraz / Texto: Ida Marie Hede e Nelly Zagora / Desenho de som e vídeo: Mikkel Larsen / Artista pesquisador/Consultor: Pei-Ying Lin / Produtor: Carlos Calvo / RP: Ida Fredericia / Gráficos, fotos e video: Søren Meisner / Duração: 25 min. / Língua: Português / A peça tem o apoio do CPH Stage e The Danish Arts Council.

\*Retirada das algas para espectadores de Porto Alegre: dias 27 e 28/10 no Centro Municipal de Cultura (Avenida Erico Verissimo 307), das 12h às 15h.

**Marcha à Ré + Bate-papo com equipe da performance e do filme**

21/10 às 21h - zoom / galerias em cena

Performance-filme como luto político

A MARCHA À RÉ é uma performance-filme criada pelo Teatro da Vertigem em colaboração com Nuno Ramos, comissionada pela 11ª. Bienal de Berlim, e filmada por Eryk Rocha. Este novo trabalho consiste na realização de uma intervenção artística site-specific na cidade de São Paulo, no dia 04 de agosto de 2020, terça-feira, às 22 horas.

Trata-se de um cortejo de veículos que se deslocará em sentido inverso do usual, em marcha à ré. Nele, os motoristas-participantes estarão em seus automóveis e farão um trajeto que partirá da Avenida Paulista, importante avenida da cidade reconhecida também como local de manifestações públicas, e terminará no Cemitério da Consolação. Durante o percurso, haverá uma dramaturgia sonora composta, em parte, de sonoridades emitidas pelos veículos que remetem ao som de respiradores utilizados no tratamento de pacientes com coronavírus, que necessitam de ventilação mecânica em unidades de terapia intensiva (UTI).

O trabalho foi concebido com base na atual situação sociopolítica no Brasil marcada por atitudes negligentes, de um governo de extrema direita, em relação à pandemia do COVID-19, assim como de ações autoritárias contra a ciência e os direitos humanos, liberdade de expressão artística e de livre pensamento, afetando artistas, jornalistas, universidades públicas, bem como a comunidade afro-brasileira, mulheres, indígenas e LGBTQI. Uma situação evidente de regressão social, e civilizacional, jamais vivida pelas últimas gerações da população do país.

Neste contexto marcado pela inabilidade do governo federal lidar com a pandemia, que tem contribuído para que o país se aproxime do número assombroso de 100.000 mortos, tanto quanto pela incapacidade de se solidarizar com todas as pessoas que sofrem por suas perdas, o trabalho traz em si o desejo de ser um gesto público, uma forma de se solidarizar e prestar homenagem aos que não tiveram a possibilidade de um direito ao luto.

A realização da performance urbana também é inspirada, duplamente, pelo artista brasileiro Flávio de Carvalho, a partir de sua “Experiência nº 2”, de 1931, na qual ele caminha com boné na cabeça em sentido contrário ao de uma procissão de Corpus Christi, bem como sua obra intitulada “Série Trágica”, produzida em 1947, composta por nove desenhos em carvão sobre papel, onde o artista retrata os últimos dias de vida de sua mãe. Toda a sequência destes desenhos expressa a ânsia e, ao mesmo tempo, a dificuldade de se respirar, repercutindo neles mesmos os atuais casos de óbito, por insuficiência respiratória, motivados pela pandemia COVID-19.

Ao final do cortejo, que concluirá seu percurso no cemitério da Consolação, será realizado um ato em homenagem não apenas aos mortos pela pandemia COVID-19, mas a todas as mortes que o país vem sofrendo, com o hasteamento de uma bandeira, figurando uma das imagens da “Série Trágica”, de Flávio de Carvalho, e com um trompetista que tocará para os mortos o hino nacional, porém ao revés, também no sentido contrário como os automóveis.

O trabalho é comissionado pela 11ª. Bienal de Berlim e conta com o apoio de Goethe-Institut, Festival Porto Alegre em Cena, Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, Spcine e São Paulo Film Commission.

Ficha técnica

Criação e direção artística | Creation and artistic direction: Teatro da Vertigem, Antonio Araujo / Eliana Monteiro / Guilherme Bonfanti

Artista convidado | Invited artista: Nuno Ramos

Dramaturgismo | Dramaturgism: Antonio Duran

Composição Sonora | Sound Composer: Erico Theobaldo

Figurinos | Costumes: Renato Bolelli Rebouças

Design Gráfico | Graphic Designer: Guilherme Luigi

Trompetista | Trumpeter: Richard Fermino

Direção de produção | Production Director: Rachel Brumana

Assistência jurídica | Legal Assistance: José Augusto Vieira de Aquino

Produção Executiva | Executive Production: Giovanna Monteiro / Paulo Gircys

Assistentes de apoio | Support assistants: Fernando Ruiz Braul / José Guilherme Lobarinhas Jr. / Vicente Antunes Ramos

Fotos | Photos: Matheus José Maria

Equipe técnica | Tecnical team: Diego F F Soares / Kuka Batista / Zé Galinha

Cenotécnico | Cenotechnical: José Dahora

Assistente cenotécnico | Cenotechnical Assistant: Rafael Guirado Neto

Engenheiro de som (performance) | Performance Sound Engineer: Tomé de Souza

Assistente de engenheiro de som | Sounnd Engineer Assistant: Ligia Ferraz

Redes Sociais | Social Media: Juliana Paié

Transmissão ao Vivo | Live Transmission: Valentina Denuzzo

Figurantes | Extras: Motoristas Carros Funerários | Funeral Cars Drivers: Carlos, Emerson, Lucas e Otoniel /Motoristas Carros de Som | Sound Cars Drivers: Cleiton Frizzo de Moura / Cristiano Gomes Monteiro / Jean Gonçalves de Oliveira / Thiago Torres de Andrade

Participantes motoristas | Drivers Figurants: Adriano Lino / Alex Martins, Aline de Almeida Olmos / Ana Catarina Mousinho / Ana Paula França / Ana Paula Hisayama / Ana Tatit / Andre Boll / Angélica Gonçalves Garcia / Anna Juni / Artur Hideki Okutani / Beatriz Sayad / Benjamim Saviani / Bernardo Carvalho / Bruno Mascarenhas / Caio Christian / Camilo Bonfanti / Camilo de Leis Goes / Carminha F. Gongora / Carol Badra / Caroline Monteiro / Caroline Pedro / Catarina Couto / Cynthia Margareth de Campos Ferreira / Débora Naso / Denilson Silva Souza / Denise Carrasco Fujimoto / Eduardo Fragoaz de Souza / Edva Aguilar / Everton Ballardin / Esther Hamburger / Federico Concilio / Felipe Nelson Crocco / Felipe Cornellio de Paiva Caldeira Brandt / Filipe Aguiar de Vasconcelos da Rocha Vianna / Flavia Pedras Soares / Francisco Lima Dal Col / Gabriela Longman / Georgea Miessa / Glaucio Luiz Cruz Farina / Gustavo Delonero / Harete Vianna Moreno / Heloisa Espada / Heloisa Passos / Hugo Faz / Isabella Maria Davenis Armentano / Joana Longman Campos Brasiliano / Joana Reiss Fernandes / João Ramos / João Sodré / Kathleen Monteiro / Kathleen Monteiro / Larissa Janotti / Leandro Sasso / Leonardo Monteiro / Letícia Rosa / Lizandra Magalhães / Lorayne do Vale / Lorenzo Mammi / Lucas Reitano / Lucas Simões / Lucienne Guedes / Luiz Fernando Ramos / Luiz Gustavo Sobral Fernandes / Marcelo Denny / Marcelo Moreschi / Marcos Miraes / Mariana Carvalho / Mario Filho / Marta F Sambiase / Marta Maria Okamoto / Mateus Rodrigues / Mauro Tadeu Sanches / Naiara Laila Carvalho / Nara Zocher / Nathalia Monteiro / Patricia Curti Bresser Pereira / Paula Alzugaray / Paula Kramer Spineli / Paulo Pasta /Paulo Augusto de Pinho Neto (Barcellos) / Paulo Endo / Pedro de Freitas / Pedro Vianna Godinho Peria / Pierre Lauwers / Rafael Steinhauser / Raul Garcia Simões / Rodrigo Alfer / Rodrigo Andrade / Rodrigo Bolzan / Rogerio dos Santos / Rosane Muniz / Sandra Antunes Ramos / Selma Caetano / Sónia Sobral / Thais Franco / Thomas Huszar / Tiago Ferro / Tonilara Prates / Verônica Veloso / Victor Frangipani de Oliveira Lima / Vinicius Selicani / Vinícius Selicani Rossite / Wanderley Andrade Cista Lima / William Zarella Jr / Wladimir Lopes de melo / Yara de Novaes

Marcha à ré [Reverse Gear], 2020

Video documentation of performance, color, sound, ca. 10’

Filme de | Cinematography : Eryk Rocha

Fotografia | Photography Miguel Vassy / Janice d'Avila / Luísa Dalé / Júnior Lopes

Montagem | Editor: Renato Vallone

Operador de som direto e Desenho de Som| Direct Sound and Sound Designer: Rubén Valdes

Produção | Production: Margarida Serrano/ Paula Macedo

Assistente de Câmera | Camera Assistants: Gabriela Akashi/ Hellen Braga/ Jerê Nunes

Assistente de som direto | Direct Sound Assistant: Rodney Blanco

Assistência de produção | Production Assistants: João Alves / Thaís Cris

Maquinária | Set Operations: Tatu

Logger: Juliana Borghi

Marcação de cor | Colorist: Alice Andrade Drummond

Materização | Mastering: Matheus Rufino

Créditos | Credits : Guilherme Luigi

Equipe Aruac Filmes: Eryk Rocha, Gabriela Carneiro da Cunha, Margarida Serrano, Alba Roque, Tamara Andrade

Performance criada pelo Teatro da Vertigem, com a colaboração de Nuno Ramos I Performance created by Teatro da Vertigem, with the collaboration of Nuno Ramos

04 de agosto de 2020 na cidade de São Paulo, Brasil I August 4, 2020 in the city of São Paulo, Brazil

Comissionado e co-produzido pela 11a. Bienal de Berlin | Commissioned and coproduced by the 11th. Berlin Bienniale for Contemporary Art

Co-produzido por | Coproduced by: Festival Internacional de Artes Cênicas Porto Alegre em Cena

Com o Apoio de | With the support of : Goethe-Institut/ Prefeitura de São Paulo /Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo /SPcine /SP Film Commission

Uma produção de | Production of: Aruac Filmes + Teatro da Vertigem

Agradecimentos | Special Thanks:

Família de Flávio de Carvalho / Secretaria Muncipal de Cultura de São Paulo: Hugo Possolo e equipe e Ale Youssef / Spcine e São Paulo Filme Comission: Laís Bondasky, Flávia Gonzaga e Carolinne Golfeto / Secretaria Municipal de Mobilidade e Transportes de São Paulo: Beth França e Paulo Leite Jr. / Subprefeitura da Sé: Neiva Maria de Paula / CET - Companhia de Engenharia de Tráfego: Paulo Eduardo e Jefferson e Miguel / Polícia Militar: Major Ivan Gonzaga e Capitão Jaqueline Ferraz / Olhares Instituto Cultural: Guilherme Marques / Equipe Cemitério da Consolação: Sandro Borges e Popó do Cemitério / Equipe Estádio Corinthias Itaquera: Rita Larrocca, Nilton Silvam, Kiko Assis, Alan Reis, Paulo Reis e Bruna Pierondi / Instituto Moreira Salles Paulista: Joana Fernandes e Thyago Nogueira / Corpo de Bombeiros da Consolação: Lucas Caetano e Vinícius Henrique Sandoval Feliciano Domingues / Seguranças: Calil Stoner Neves, Ederson Nascimento Costa, Eduardo Girardi Vaz da Silva, Francisco Webberson Ferreira de Mesquita, Igor Pereira da Silva, Jacqueline Cristina da Silva e Thiago Paiva de Moura / Brigadistas: Claudice Batista de Oliveira, Luis Carlos Xavier e João Vitor Pereira de Melo / Socorristas: Jair Garcia e Márcia Marques dos Santos / Funerária Regional: Eduardo Amaro dos Santos e Eduardo Amaro dos Santos / Luciane Amaro dos Santos / Taxi Alex / Alex Martinho / Helder Cardoso / Papaya Locadora / Monster Cam Locadora / Delícias da Ray / Restaurante Syria / Safe4U / Franklin Falcão / Fante / Gráfica CopyTech: Adriana Maria Ferreira e Irineu Rosa Junior / BJB Sinalização: Julio Cesar Arlati Domingos Graça e Rosangela Arlati / Nova EPI: Raul Torres Maniezzo e equipe / São Paulo Tourist Bureau: Roberto Karsokas Filho e equipe / CAEX - Gráfica e comunicação visual: Vanessa F. Devecchi e equipe / New essence seguros: Marcelo Dugois

**Tudo que coube em uma VHS**

22/10 a 26/10 às 19h, 19h30, 20h, 20h30, 21h, 21h30, 22h, 22h30, 23h, 23h30

whatsapp / instagram / email / youtube / spotify / deezer / ligação telefônica

Em Tudo que coube numa VHS, o público é conduzido por um percurso em que se torna cúmplice das memórias de um personagem, cristalizadas em torno das recordações sobre um relacionamento. A ação é acompanhada via web, por meio de uma série de plataformas virtuais de comunicação e entretenimento, numa experiência individual que transporta a uma nova esfera as relações de proximidade entre ator e espectador, recorrentes na obra do Grupo Magiluth.

Ficha técnica

Duração: 30 minutos / Recomendação etária: 16 anos / foto: Levy Mota

**Lançamento nacional: Sete Estrelas do Grande Carro 2015-2020**

24/10 às 21h - zoom / galerias em cena

Em 2015, o Teatro Máquina, grupo de Fortaleza, percorreu aproximadamente 4 mil quilômetros de estrada em 28 dias e parou em 16 cidades nos estados da Bahia, do Piauí e do Ceará. Foram inúmeras as paisagens percorridas, os encontros e as descobertas. O grupo lança em 2020 o livro Sete Estrelas do Grande Carro sobre a viagem de pesquisa e criação realizada por algumas das regiões mais áridas do sertão nordestino, projeto contemplado pelo Rumos Itaú Cultural 2013-2014. O livro, espécie de (des)diário cartográfico livremente ilustrado e comentado, recolheu e abrigou para a sua construção imagens e textos produzidos pelos artistas e colaboradores durante a viagem e depois dela. Para o grupo, o livro surge como uma tentativa de síntese provisória de uma experiência imensa e mobilizadora, a partir da qual já foram produzidas duas obras cênicas (Brutos, em 2016 e Nossos Mortos, em 2018) e uma vídeo-instalação em um salão de artes visuais.

Movidos pelo desejo de expor uma viagem que ainda reverbera em novas ações e criações, o Teatro Máquina reúne em uma galeria virtual diversas experiências produzidas durante o projeto Sete Estrelas do Grande Carro. Nessa galeria o grupo expõe vídeos, performances, fotos e ações produzidas durante a viagem, além de obras especialmente produzidas para o Festival Porto Alegre em Cena, derivadas do retorno ao material da viagem. De diferentes textualidades e suportes, as obras expandem a viagem em novas experiências sonoras, visuais e performativas.

Para o lançamento do livro em versão digital, o grupo realiza uma conferência virtual com a presença de uma das colaboradoras do projeto, a pesquisadora e dramaturgista Thereza Rocha, comentando o projeto-viagem desde a sua fase de preparação até as reverberações que mobilizam ainda hoje a poética e a pesquisa do grupo.

Sobre as novas obras:

**Fulminante (2020) -** Videoperformance

Márcio Medeiros e Allan Diniz

Perguntar ao corpo que memórias ele guarda e o que ele tem a dizer hoje a partir das experiências vividas na viagem, há cinco anos. O ator e bailarino Márcio Medeiros, em parceria com o artista audiovisual Allan Diniz, evoca suas memórias corporais para criar, a partir delas, uma nova obra, em videoperformance. Fulminante é o corpo e o pensamento. Que nem sempre caminham juntos. Fulminante é memória que vem à tona e desperta no agora.

**Polígono de poeira (2020) -** Curta-metragem

Leonardo Mouramateus

Eu senti muito isso. Uma sensação que não me acompanhou somente durante a viagem. Sempre tinha uma coisa me separando daquele ambiente. Alguma coisa me separava. Tinha um certo véu. Como eu posso estar tão distante, se eu já fui, se eu sou tão próximo. E quando eu rompia alguma coisa do véu, eu conseguia ver algo que eu não conseguia ver antes. Quando eu conseguia avançar um pouco, eu via coisas que eu não tinha conhecido. O mistério, ao mesmo tempo familiar. É uma incógnita pra mim. Sempre foi. Ainda é.

**Rarazu (2020) -** Paisagem Sonora

Loreta Dialla e Ayrton Pessoa

Para além do que a lembrança da visão alcança e a escuta ainda pode abrigar para transpor o inaudito, a memória retoma aquele acordo com o tempo e o invisível em que nos deixamos ir ao teu encontro, pela urgência do teu grito, acompanhando o trânsito da luz até a hora exata da tua chegada.

Rarazu redesenha o percurso sonoro de um final de tarde no Raso da Catarina (BA) marcado pelo movimento de retorno das Araras-Azuis-de-Lear - espécie rara e ameaçada de extinção - ao seu habitat de descanso. O áudio registro de chegada das aves sob o céu da caatinga baiana, captado pelos artistas Loreta Dialla e Ayrton Pessoa, evoca no presente a reconstrução da paisagem para emergir novas materialidades e texturas sonoras na criação de uma composição que refaz o caminho, traduz o ausente e revela novas imagens e símbolos para a renovação desse acontecimento.

Link de acesso à galeria virtual: http://seteestrelas.art/

foto: Gloria / Loreta Dialla

**Masterclass: Janaína Leite**

27/10 às 21h - zoom

Documento, memória e autobiografia na cena contemporânea

Janaina Leite – artista e pesquisadora referente nacional, através de um encontro público, contará quais são as ferramentas teóricas e práticas de criação que fazem parte de sua pesquisa, e que culminaram na escrita do livro Autoescrituras Performativas: do diário à cena, publicado pela editora Perspectiva. Neste encontro serão abordados aspectos como o trabalho sobre arquivos, a noção de testemunho e os polêmicos debates em torno da autorrepresentação e da autoficção. Essa é a base de uma pesquisa extensa que Janaina realiza tanto em nível acadêmico quanto artístico, culminando em espetáculos como Festa de Separação: um documentário cênico, Conversas com meu pai e o mais recente Stabat Mater (Prêmio Shell de Dramaturgia e eleito melhor estreia de 2019 pelas críticas e críticos dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo). Após a exposição, composta de depoimento, registros fotográficos e fragmentos de vídeos, Janaina dialoga com o público.

foto: Stabat Mater / André Cherri

**JUNTOSESEPARADOS 3 + Bate-papo**

28/10 às 17h **-** zoom

É um jogo de interação entre nove pessoas que, a partir da condição de isolamento social e mediados pelas telas dos computadores, descobrem uma linguagem doméstica, íntima, precária e lúdica refletindo sobre os paradoxos da situação em que vivemos e a busca por uma nova subjetividade que dê conta do momento. Cada bailarino dança e performa ‘’live”’ a partir de seus computadores pessoais, em interação virtual com os outros bailarinos por meio das múltiplas telas do ambiente de videoconferência, explorando as ferramentas disponíveis específicas do aplicativo de reuniões virtuais.

Ficha técnica

Anti Status Quo Companhia de Dança / Direção e concepção: Luciana Lara / Dramaturgia em colaboração com os bailarinos / Bailarinos: Déborah Alessandra, Jaqueline Silva, Leandro Menezes, Leonardo Rodrigues, Luciana Lara, Márcia Regina, Mônica Bernardes, Raoni Carricondo e Rebeca Damian

Pesquisa em conjunto com o Núcleo de Formação ASQ: João Lima, Maria Ramalho, Marcela Brasil, PA, Renata Studart e Monica Bernardes

Trilha sonora originalmente criada para o espetáculo Cidade em Plano (2016): Valeria Lehmann

Duração: 35 minutos

**Mostra de Resultado: Inquieta Cia – Residência Artística "Forte"**

30/10 às 21h - zoom

A Inquieta Cia atua com o objetivo de estilhaçar funções e referências em suas pesquisas e ações, interessando-se por criações colaborativas e por circunstâncias que incomodem e mobilizem tanto a arte como o contexto sociocultural. A residência artística FORTE é uma convocação a um espaço integrado por ação, observação e composição cênica, considerando possibilidades diversas de ressoar performatividades insurgentes no encontro entre trajetórias que cruzam as cidades de Fortaleza e Porto Alegre: artistas, memórias e suas forças.

Que ação dimensiona a força que nos interessa neste agora? A residência acontecerá por meio de encontros virtuais, investigando possibilidades de trabalho com ações e paisagens que sugerem forças. O intuito é produzirmos vibrações, tanto em possibilidades on-line como presenciais, em ações que poderão se espraiar entre o público e o privado, a partir de nossas cidades.

Ficha Técnica

Proposição: Inquieta Cia

Residentes: Andréia Pires, Andrei Bessa, Carina Levitan, Gyl Giffony, Julha Franz, Lucas Galvino, Mailson Fantinel, Rita Rosa, Robson Lima Duarte, Sissi Betina Venturin e Wellington Fonseka.

**PROGRAMAÇÃO DIGITAL LOCAL**

**Carcaça**

21/10 às 19h - zoom

Espetáculo com tradução e interpretação para a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS

O que é ser homem?

Um corpo que escapa às normas de gênero compartilha suas estratégias de desobediência através de uma jornada ​por figuras monstruosas. Em uma videoconferência, ​em que a interação com o público é direta, permeada por metáforas visuais e princípios coreográficos, vemos nesse corpo o desejo implacável de sobreviver e redistribuir o peso da condição precária a qual ele é submetido.

Ficha técnica: Autoria e direção: João Gabriel OM e João Pedro Madureira / Elenco: João Gabriel OM / Trilha sonora e sonoplastia: Daniel Roitmann / Figurino: Rita Spier / Cenografia: Maílson Fantinel / Arte Gráfica: Lauren Werlang / Captação e edição de vídeo: Ana Girardello / Técnico de transmissão: Diego Bernardino / Fotos: Bruno Barreto e Qex Bittencourt / Produção executiva: João Gabriel OM e Ana Girardello / Duração: 50 min / Recomendação etária: 18 anos

**Terra Adorada**

22/10 às 19h - youtube / site / instagram

Espetáculo com tradução e interpretação para a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS

Um espetáculo sobre nós, dirigido a nós, os brasileiros que não se consideram índios. Entrelaçando narrativas vivenciadas em terras indígenas Guarani e Kaingang, notícias jornalísticas, dados históricos, palavras de Renata Machado Aratykyra, Davi Kopenawa, Daniel Munduruku, Jaider Esbell, Terra Adorada apresenta um olhar crítico sobre esse Brasil parido à força, inventado a partir das dores de mulheres pegas no laço. Um espetáculo sobre um país que "vai pra frente"...

Ficha técnica : Direção: Jezebel De Carli e Ana Luiza da Silva / Autoria: Ana Luiza da Silva e Jezebel De Carli, colaboração: Vika Schabbach / Elenco: Ana Luiza da Silva / Trilha Sonora: Ana Luiza da Silva (trilha sonora pesquisada) / Iluminação: Carol Zimmer / Figurino: Ana Luiza da Silva e Iara Sander / Duração: 60 min / Recomendação etária: 14 anos / foto: Adriana Marchiori

**#paraiso\_afogado**

23/10 às 19h - zoom

Espetáculo com tradução e interpretação para a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS

Uma sobrevivente ao fim do sistema solar narra a jornada apocalíptica do homem sobre a Terra. Uma família branca classe média dos anos 90 expõe suas mesquinharias. Um jovem arquiteto europeu vem ao Brasil construir o emblemático Teatro Amazonas em pleno ciclo da borracha. Por fim, vemos o mundo inteiramente coberto por uma maré material repleta de destroços e corpos afogados.

#paraiso\_afogado reflete com iro- nia sobre os processos coloniais enquanto malha de relações de exploração. O texto, inédito no Brasil, dá continuidade ao trabalho da Cia. Espaço em Branco junto ao dra- maturgo Thomas Köck iniciado com o premiado espetáculo "Tocar Paraíso", de 2019. Este novo trabalho foi criado inteiramente para o ambiente virtual e será realizado ao vivo via Zoom.

Ficha técnica

Direção: João de Ricardo - JdR / Autoria: Thomas Köck / Tradução: Christine Röhrig / Adaptação: Cia. Espaço em Branco / Elenco: Anildo Böes, Eduardo d'Avila, Evelyn Ligocki, Fernanda Carvalho Leite, Iandra Cattani, JdR, Rodrigo Fernandez e Shico Menegat / Trilha Sonora: Daniel Roitman e Rodrigo Fernandez / Iluminação: Carlos Azevedo e Cia. Espaço em Branco / Figurino: Cia. Espaço em Branco / Operação de Música ao vivo: Rodrigo Fernandez / Colaboração musical: Vagner Cunha / Criação Audiovisual: Bruno Gularte Barreto, JdR e Shico Menegat / Narração convidada: Carlos Azevedo e Yael Prizant / Pesquisa teórica e dramatúrgica: Cia. Espaço em Branco e Yael Prizant Produção executiva: JdR e Shico Menegat / Produção: Cia. Espaço em Branco / Duração: 60 min / Recomendação etária: 16 anos

**Corpos Ditos**

24/10 às 19h - youtube / site

Espetáculo com tradução e interpretação para a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS

"Existe um lugar onde estão reunidas todas as pessoas de grande potencial. Este lugar é o cemitério. Exumem as histórias das pessoas que sonharam grande e nunca viram esses sonhos se tornarem realidade. Exumem essas histórias”.

CO​RPOS DITOS celebra discursos de pessoas negras. Um tratado de exaltação à vida, ao talento e as conquistas do povo negro, não celebrando unicamente pessoas de grande evidência, mas reverenciando também os corpos que não venceram e que tiveram sua história negligenciada e apagada. A partir da investigação de elementos que caracterizam a performance arte em acordo com a poética desenvolvida pelo Pretagô, os performers exploram imagens e áudios captados através de seus smartphones e criam cenas motivadas por um discurso escolhido por eles.

Ficha técnica: Direção: Bruno Fernandes e Silvana Rodrigues / Autoria: Pretagô baseado em discursos de diversos autores / Elenco: Bruno Cardoso, Camila Falcão, Kyky Rodrigues, Laura Lima, Manuela Miranda e Thiago Pirajira / Trilha Sonora: João Pedro Cé e Vini Silva / Direção e edição de imagem: Marina Kerber - Macumba Lab / Fotografia: Anelise De Carli / Duração: 36 min / Recomendação etária: 14 anos

**HIPERGAIVOTA**

25/10 às 19h **-** youtube / site

Espetáculo com tradução e interpretação para a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS

HIPERGAIVOTA é uma experiência online em tempo real construída como reverberação do espetáculo teatral “Dispositivo-Gaivota”, que permite aos participantes/agenciadores navegar livremente por diferentes cenas multimídia interativas criadas pelo Coletivo Errática especialmente para essa proposta.

Ficha técnica Direção: Francisco Gick / Autoria: Francisco Gick a partir de “A Gaivota” de Anton Tchekhov / Adaptação: Coletivo Errática / Elenco: Claudio Loimil, Jezebel De Carli, João Pedro DeCarli, Guega Peixoto, Gustavo Dienstmann, Mani Torres e Nina Picoli / Trilha Sonora: Vitório O. Azevedo / Figurino: Gustavo Dienstmann / Concepção e Criação de plataforma: Francisco Gick / Duração: 60 min Recomendação etária: 18 anos

**Método Rítmico**

26/10 às 19h - youtube / site

Espetáculo com tradução e interpretação para a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS

A MULHER está grávida. Logo, ELA haverá de saber. Logo ELA, que sempre quis ser mãe. O relacionamento entre duas mulheres tem dessas coisas. O PAI, do lugar onde está, discursa sobre úteros tais como se fossem seus. A MULHER talvez não queira carregar no ventre o peso de um homem. Entre steps e heel drops, os batimentos do sapateado americano permeiam a narrativa acelerados, dando à luz um único som, seco e preciso, urgente e possível quando finalmente a MULHER nos pergunta: o que é o Amor?

Ficha técnica Direção: Guadalupe Casal / Autoria: Luiza Waichel / Elenco: Luiza Waichel e Deliane Souza / Participação especial: Daniel Colin e Gabriella Castro / Trilha Sonora: Guadalupe Casal e Luiz Argimon / Figurino: o grupo / Maquiagem: Juliane Senna / Cinematografia: Luiz Argimon – QG filmz / Duração: 40 min / Recomendação etária: 16 anos

**Só tem um problema nesse amor**

27/10 às 19h - youtube / site / spotify / deezer

Espetáculo com tradução e interpretação para a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS

Celina Houston é uma jovem do interior de Brooklin Grande do Sul que se muda para a Capital com o sonho de passar no vestibular de Engenharia e ser passista da Escola de Samba Águia Azul da qual sua tia é presidente. No dia de sua chegada, conhece e se apaixona à primeira vista por Wesley Calderón, num evento pré-carnaval onde as escolas de samba apresentam seus enredos. O que ela não sabe é que Wesley é filho do presidente da Leões Vermelho, Escola de Samba rival de sua família e está prometido para Hillary Negroldstein, blogueira e herdeira das indústrias Negroldstein, o maior império da Capital. Entre tamborins, surdos e agogôs Só tem um Um problema nesse amor acompanha a saga deste jovem casal apaixonado e um tanto quanto atrapalhado, além de outros envolventes personagens que compõem essa surpreendente e cômica trama.

Ficha técnica: Estrelando: \*Bruno Fernandes\* como Narrador e Igor da Odonto / \*Camila Falcão\* como Celina Houston e Professora Silvia Simpatia / \*Celina Alcântara\* como Katherine Houston / \*Diego Machado\* como Guilherme Boitoro e Klauss Negroldstein / \*Laura Lima\* como Hillary Negroldstein / \*Lauro Fagundes\* como Wesley Calderón e Krishna do Himalaia / \*Manuela Miranda\* como Michele Negroldstein / \*Thiago Pirajira\* como Denzel Calderón e Laffayette / Direção de atuação: Bruno Fernandes / Direção vocal: Camila Falcão / Direção e técnico de áudio: Cleverton Borges / Produção: Bruno Fernandes, Camila Falcão e Manuela Miranda / Produção Executiva: Sofia Ferreira / Roteiro: Bruno Fernandes, Camila Falcão, Cleverton Borges, Laura Lima, Lauro Fagundes e Manuela Miranda

Agradecimentos: Turucuta Batucada Coletiva Independente, Reina Produções

A música cuja letra inspirou a história é uma composição de Edson Vieira e o título original é "Caso de Amor".

Duração: 30 min / Recomendação etária: 12 anos

**Projeto Lilith – Pixações em corpos histéricos**

28/10 às 19h - vimeo / site

Espetáculo com tradução e interpretação para a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS

"PROJETO LILITH: Pixações em Corpos Histéricos" é uma plataforma performativa, movida por questões que afligem um universo de opressões íntimas e sociais da construção do feminino. As cenas se inventam a partir de uma investigação acerca da invisibilidade e naturalização de violências contra as mulheres. Reestruturando performances em ocupação de espaços públicos, investigadas anteriormente, passando por remodulação de espaços teatrais, agora para o ambiente virtual. Dando continuidade em experimentações de processos anteriores, o COLETIVO QUÂNTICO dá voz às atrizes, usando-se de mitos da culpabilização das mulheres, como Lilith e Pandora. Promove-se um encontro, um instante, que se siga como um motor potente. Este momento resistente, que se abre num espaço que não há, num tempo que esgotado. A resistência está no corpo, está no espírito, está na luta. Somos lamúria querendo asas. Dançar em volta das fogueiras acesas por mulheres.

Ficha técnica: Elenco: Guadalupe Casal, Joana Amaral, Juliana Kersting, Larissa Sanguiné, Luiza Waichel e Victória Sanguiné / Concepção Dramatúrgica: Larissa Sanguiné / Orientação em LIBRAS: Joana Amaral / Direção: Larissa Sanguiné e Denis Gosch / Direção e Composição Musical: Gustavo Petry / Desenho de Som e Edição de áudios: Jimi Mello / Luz: Eduardo Kraemer / Figurinos: Titi Lopes / Arte Gráfica: Victória Sanguiné / Produção: Coletivo Quântico e Liane Strapazzon / Assessoria de Imprensa: Liane Strapazzon / Divulgação: Liane Strapazzon e Nathália Severo / Fotografias: Valentina Gomez / Captação de Imagens: Victória Sanguiné, Larissa Sanguiné, Joana Amaral e Luiz Argimon / Captação de Áudios: Jimi Melo e Luiz Argimon / Edição: Victória Sanguiné / Realização: Coletivo Quântico em parceria com Casa de Teatro de Porto Alegre / Duração: 80 min / Recomendação etária: 14 anos

**206820**

29/10 às 19h - youtube / site

Espetáculo sem falas

Em um tempo-espaço distópico, suspenso em meio aos sonhos e movimentos naturais da vida, encontra-se um grupo de pessoas confinadas em um espaço mínimo que impossibilita qualquer privacidade. 206820 é uma investigação teatral- cinematográfica que permeia a clausura e liberdade, ficção e realidade, através do uso e manipulação de máscaras e bonecos frente a linguagem audiovisual. Cruzamentos criados pelo elenco, dentro e fora da caixa e que atravessam o passado, o presente e o futuro e tentam responder à questão: "ainda é possível sonhar?".

Saiba mais sobre o grupo Máscara EnCena:

O grupo Máscara EnCena nasce em 2014, em Porto Alegre (RS), a partir do encontro de artistas com o mesmo desejo: investigar a potencialidade artística da máscara na cena contemporânea. Alexandre Borin, Camila Vergara, Fábio Cuelli e Mariana Rosa buscaram formação com expoentes da máscara no Brasil e exterior como a Cia Familie Flöz, a École Philippe Gaulier, Serge Nicolai (Théâtre du Soleil), Tiche Vianna e Daniela Carmona. Em 2017, o grupo estreia em Porto Alegre o espetáculo Imobilhados, com direção de Liane Venturella, artista colaborada do grupo desde 2015. Sucesso de público e crítica, Imobilhados recebeu diversos prêmios, circulou nacionalmente pelo Brasil e teve sua estreia internacional no Canadá, no Festival Masq'Alors. Em 2019, o grupo estreia o espetáculo 2068, igualmente com direção de Liane Venturella, dentro da programação do Edital Ponto de Teatro, no Instituto Ling, em Porto Alegre. Em cinco anos de existência, o grupo vem se destacando na cena gaúcha colocando em evidência o uso da máscara como elemento artístico e pedagógico, e apostando em atividades que tem movimentado importantes acontecimentos na área das artes da cena, como a realização da residência artística Territórios da Máscara e a vinda do mascareiro Alfredo Iriarte (Cabuia - Argentina) a Porto Alegre com seminário sobre máscaras teatrais. Além disso, em 2018 o grupo foi convidado a integrar a cerimônia de abertura da 11o Bienal do Mercosul, onde realizou a performance artística "Arte Inspira, Respira". Em 2020 o grupo comemora os 5 anos de existência com a edição celebrativa da residência artística Territórios da Máscara, trazendo o artista Hajo Schüler (cia Familie Flöz - Alemanha), desenvolve o projeto Café com Máscara (projeto de bate papo online no Instagram com artistas convidados) e produz o filme curta-metragem Imobilhados na Quarentena, selecionado no Edital Arte como Respiro (Itaú Cultural).

Ficha técnica: Direção Vídeo-teatro 206820: Mauricio Casiraghi/ Direção Espetáculo 2068: Liane Venturella/ Concepção geral: Máscara EnCena/ Autoria: Máscara EnCena, Liane Venturella e Mauricio Casiraghi/ Adaptação: Vídeo-teatro inspirado no espetáculo 2068, do grupo Máscara EnCena, com direção de Liane Venturella/ Elenco: Alexandre Borin, Camila Vergara, Fábio Cuelli e Mariana Rosa/ Cinematografia, Montagem e Efeitos Especiais: Mauricio Casiraghi/ Trilha Sonora e Desenho de Som: Caio Amon/ Figurino: Liane Venturella e Máscara EnCena/ Máscaras: Fábio Cuelli/ Bonecos: Rita Spier/ Adereços Cênicos: Máscara EnCena/ Duração: 30min/ Recomendação etária: 16 anos

**Mini Ball Coisa de Pretes – Panê no (cis) tema**

30/10 às 19h - zoom

Espetáculo com tradução e interpretação para a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS

Pensando nas múltiplas conexões que podem ser estabelecidas no Brasil, pensamos em alavancar o real vínculo com todas as regiões do país, deste modo, convidando uma pessoa de cada região. As categorias serão Runway, Batecabelo, Face, Samba no Pé e Batekoo v.s Passinho. Vale ressaltar que as categorias batecabelo, samba no pé e batekoo são categorias originárias de nossa potência brasileira afrodiaspórica.

**Face – Gloria Crystal**

Ela que representa nosso arco-íris nas gerações de luta,na cidade de Porto Alegre, e segue ainda esbanjando carisma, beleza e vivacidade. Pensemos em como Gloria Crystal serviria sua face para tal desempenho.

*Obs: lembrando que esta categoria é destinada, exclusivamente, para pessoas pretes.*

**Batecabelo – Márcia Pantera**

A Drag dona das noites de São Paulo e precursora do batecabelo no Brasil. Essa é a oportunidade de você mostrar a tecnologia do seu infinito ao bater o cabelo!

**Runway – Nega Lu**

Inevitável esquecer os figurinos de performances ou noitadas de Nega Lu. Nesta categoria a confiança diz tudo a partir da caminhada.

**Samba no Pé – Vera Verão**

EpâÂÂÂÂ! Jorge Lafond dedicou sua vida a Sapucaí durante muitos anos com muito amor e entrega. O desejo neste momento é o de ver o samba rasgado potente e presente em cada ume que vir a performar.

**Batekoo v.s Passinho – Vai Lacraia!**

Lacraia, a verdadeira musa do Furacão 2000. Travesti preta, funkeira e periférica. Do rebolado, swingada, quadradinho e passinho. Aceitamos toda a versatilidade que possa ser apresentada a partir da musicalidade e expressão do funk carioca.

*Jurades: Mother Afrobapho Lucas Montty BA/Salvador, Mother Flávys Atrois GO/Goiânia Diogo 007 SC/Florianóplis, Mother Marvena Ubuntu SP/São Paulo, Titia Sereia Cosmos RJ/Rio de Janeiro e Prince Maniva PA/Belém.*

**PERFORMANCES ANTI AGLOMERAÇÃO**

**Ritual de Sobrevivência**

21 e 22/10 às 17h - youtube / site / em algum lugar da cidade

O habitar humano em seu pequeno espaço em meio ao lixo flutuante, a busca pelo alimento físico e espiritual em meio à degradação e poluição das águas. O gesto que equilibra-se entre a dança e a luta. A ação de remar como signo de mobilidade, desenvolvimento do ser na condição de viajante em sua jornada. Metafóra dos pequenos rituais cotidianos que permitem levar a vida adiante no ambiente urbano. A performance estreou em 2014 com financiamento do Prêmio de Pesquisa Décio Freitas do Fumproarte/PMPA e integrou a programação do 7o Festival Internacional de Teatro de Rua de Porto Alegre em 2015.

Ficha Técnica: Criação e concepção: Marina Mendo e Rossendo Rodrigues / Performance: Rossendo Rodrigues / Cenografia e cenotécnica: Rodrigo Shalako / Fotos e vídeos: Natália Utz – Utz Filmes / Coletivo Ecopoética – Arte e Sustentabilidade em Intervenções Urbanas

**Pegadas no Ar**

23 e 24/10 às 17h - youtube / site / em algum lugar da cidade

Bonecos gigantes de três metros suspensos por cordas, entre em um dos cartões postais de Porto Alegre a performance proposta pela Cia Seres Imaginários, para ocupar os espaços da cidade, no 27° Porto Alegre em Cena. A ideia é reunir bonecos gigantes do acervo do grupo em uma intervenção urbana que não produza aglomerações. O “Guerreiro” é um boneco ativista que desde 2016 já participou de várias passeatas de protesto pela cidade sendo, muitas vezes, reconhecido nas manifestações políticas e culturais dos últimos anos. O “Cavalo” é um boneco pensado para ser o Rocinante, o cavalo de D. Quixote. Sua última aparição foi no lançamento da MOVE – Rede de Artistas de Teatro de Porto Alegre. O “Lixãozinho” é um boneco de papelão reciclável inspirado no “Lixão”, criado em 1996 para o espetáculo Bonecos Gigantes da Cidade. Já o Cabeça de Batata” é uma cabeça gigante, um bufão que emite sons estranhos e, com sua grande língua, se lambe todo. Essa cabeça irá se deslocar nas calçadas direcionando o olhar para os altos do viaduto onde os bonecos gigantes estarão pendurados. A ideia é que esses bonecos pendentes, cada um com suas trajetórias, sejam uma metáfora do momento em que vivemos, onde a vida parece estar em suspensão. Para continuar atuando no presente, sem causar aglomerações, uma saída pode ser flutuar, em movimentos manipulados, ensaiando pegadas no ar, distanciados, isolados fisicamente, não se sabe até quando.

Ficha técnica: Direção e bonecos: Cacá Sena Manipuladoras: Elaine Regina e Sílvia Ferrari / Técnicos: Daniel Fetter e João Fraga / Produção: Fabiane Baumann

**Oásis Urbano**

25 e 26/10 às 17h - youtube / site / em algum lugar da cidade

Oásis Urbano é um projeto artístico que ocupará as ruas de Porto Alegre, criando novas relações entre as pessoas e cidade. O projeto desperta a vontade e o desejo de "onde eu quero estar quando tudo isso passar?" "Quais experiências eu quero viver ou reviver quando for possível estar nas ruas de forma segura?". E leva ao questionamento, qual seria o meu Oásis Urbano no meio da pandemia?

O projeto reúne artes cênicas, música e audiovisual em uma espécie de parada que desfilará pelas ruas, com o elenco do grupo Máscara EnCena em um parque a céu aberto sobe rodas. Possibilitando que o público acompanhe pelas janelas das casas e apartamentos de Porto Alegre, e também integralmente pela internet via streaming.

Ficha técnica: Criação e concepção: Yara Balboni / Elenco: Alexandre Borin, Camila Vergara, Fábio Cuelli e Mariana Rosa (Máscara EnCena) / Trilha Sonora Original: Felipe Zancanaro

**Que fim levaram todas as flores?**

27 e 28/10 às 17h - youtube / site / em algum lugar da cidade

"Que Fim Levaram Todas as Flores?" Cortejo fúnebre pela cidade, a solidão da mulher que carrega nas costas o peso do cuidado de si, dos outros. O corpo, território historicamente julgado, violado e apontado como público, pertencente a todos menos a ela. O pranto privado e impedido. A Cambada de Teatro em Ação Direta Levanta FavelA... traz nesta apresentação a dor e o luto como força, a solidão e isolamento como condição cotidiana da mulher em seu sofrimento. Insurgem de quatro pontos da cidade, mulheres marcadas como loucas, rebeldes, desviantes e marginais. Um encontro possível entre elas no seio da cidade para chorar seus mortos. Na impossibilidade da interação, da troca de afeto elas compartilham um abraço mudo e a visão de um futuro. Se caladas, as pedras gritarão.

Ficha técnica: Direção coletiva / Elenco: Ana Eberhardt, Danielle Rosa, Fayola Ferreira, Fernanda Baubo, Juliana Costa, Ketelin Abbady, Lorena Longaray, Pâmela Bratz, Allan Castro e Sandro Marques / Recomendação etária: livre

**Terminal**

29 e 30/10 às 17h - youtube / site / em algum lugar da cidade

Uma performance de alerta e de forte impacto visual, na qual dois sujeitos carregam leitos hospitalares com parentes entubados em meio ao fluxo de automóveis para expor a dor das famílias que sofrem com COVID-19 nas UTIs dos hospitais.

Esses dois sujeitos carregam as camas até uma sinaleira, na qual inicia a coreografia com partituras criadas a partir de estátuas fúnebres para simbolizar os riscos de contaminação do coronavírus.

Ficha técnica Elenco: Fredericco Restori, Karine Paz, Fábio Cunha e Marcelo Restori / Direção: Marcelo Restori

Marcelo Restori é diretor de teatro e cineasta, considerado precursor do teatro performático no Rio Grande do Sul. Fundador e, por 26 anos, diretor do lendário Falos & Stercus, grupo que inovou a cena contemporânea do sul do país.

O Coletivo Teatro da Crueldade nasceu em 2016 das oficinas de Restori no Fórum Social e a partir da pesquisa de diálogo com a cidade das performances do Despindo a Cidade dos Preconceitos, realizadas: na entrada do Túnel da Conceição, no fechamento da Ponte de Pedra no Largo dos Açorianos; no Festival Cultura pela Democracia; no Sarau Elétrico Bela, Recatada e do Lar, no Bar Ocidente; No Largo Vivo das Ocupações Secundaristas das Escolas Independentes, em frente a Prefeitura; no evento Rebuliço Cultural. Em 2017, em frente ao Santander Cultural em manifesto contra a censura da exposição Queermuseu. Em 2018, na nova orla do Guaíba. Em 2019, na abertura do Congresso Estadual de Cultura no teatro da Casa das Artes em Bento Gonçalves.

**PERFORMANCE EM QUADROS**

**Banho de Folhas**

21/10 às 20h - youtube / site / projeções pela cidade

A performance banho de folhas se propõem a um novo olhar ao ritual de limpeza a partir de ervas e folhas muito utilizado nas religiões de matriz africana.

Utilizando-se do pensamento disseminado nas religiões de matriz africana que dá terra se vem se retira a cura e a terra se retorna a performer retira da terra os elementos para a construção de sua limpeza, os transforma e banho e banha-se, trazendo ao público esse momento íntimo e pessoal

A performance propõe-se a passar por todos os elementos de um banho de ervas, a colheita, o fazer e o banha-se, para assim mostrar ao público o rito que muitas vezes fica na imaginação dos não praticantes.

Ficha técnica: Atuação, concepção, operação de câmera e edição: Laura lima

**Primavera do Tulipa**

22/10 às 20h - youtube / site / projeções pela cidade

Com a expectativa da chegada da primavera, somada à expectativa de vida nova pós pandemia, os corpos do TulipaColetivo de Dança, dançam as flores que queremos ver florescer nesta primavera. Jogando com a relação de vida que vemos apenas pelas janelas, estes corpos criam a dança com suas silhuetas desenhadas pela luz que a janela nos traz.

Vídeo dança criado com 4 bailarinas que dançam em frente à janela de suas casas, respeitando o isolamento social, não ocorre interação física entre os bailarinos, apenas interação digital por meio de edição de vídeo.

Ficha técnica: Bailarinos: Aléxia Chaves, Gabrielle Crivelli Fraga, Gianna Soccol e Rafaela Machado / Edição de vídeo: Rafaela Machado / Música: Secos e Molhados / Edição de Foto: Gianna Soccol

**Locus enunciativo – círculo farpado**

23/10 às 20h - youtube / site / projeções pela cidade

Partindo de uma pesquisa sobre corpo, discurso e linguagem, esse trabalho foi se estruturando a partir desse tripé, com o objetivo de afirmar o locus de enunciação, na “contramão dos paradigmas”, pois esse lugar de fala é, também, marcado pelas hierarquias de classe, de raça, de gênero, sexuais e outras que incidem sobre o corpo. Dentro da psicologia, embora haja discussões, “Locus de controle é a expectativa do indivíduo sobre a medida em que os seus reforçamentos se encontram sob controle interno (esforço pessoal, competência, etc.), ou externo (as outras pessoas, sorte, chance, etc.).” Refletir sobre esses aspectos e os efeitos do processo de constituição dos sentidos e do sujeito do discurso, me fez crer, ainda mais, que um processo de criação de uma linguagem “decolonial” é necessário e vai muito além do que se imagina, vai além do edificador e do espectador, inclusive. Assim, conduzida por uma pulsão, meu corpo-voz se torna a representatividade desse lugar de fala, “lugar da pertença e da presença”. Pensando no centro de tudo, PODER, que simbolizo pelo “arame farpado” em formato de círculo (círculo do poder), represento pela manipulação do objeto as “sombras” que ainda nos assolam. Os demais elementos utilizados no processo, rosa queimando, taça quebrada, dentre outros, representam a inquietude individual do corpo-voz e sua transformação interna, pois embora essa inquietação seja sentida de forma particular, as sombras que imperam essas aflições, reinam coletivamente e usurpam, em maior ou em menor grau, derivadas, também, do patriarcado e do machismo, ainda muito presentes. Por fim, nesse trabalho, me coloco, respeitosamente, no meu lugar de fala como mulher, buscando instigar essa reflexão.

Ficha técnica: Produção individual e fotos: Juliana Sixel

**projeto em quadros: PmP**

24/10 às 20h - youtube / site / projeções pela cidade

Este projeto parte de um motivo simples que é a incapacidade de contar a própria história e questionar somente com palavras, utilizo as imagens para dar voz à todas perguntas, e trazer as dores, a revolta, as angústias e a raiva incrustada em pessoas que foram impedidas de contar sua história e a história dos seus pelo simples fato que nós indígenas não estamos nos livros de escola, e somos apagados porque sempre fomos os perdedores e isso faz nossas histórias não sejam contadas, e cada vez mais nos distanciamos desse fio que conduz a real história do nosso país, apagando cada dia mais o nosso passado assassinado. Esse projeto fala sobre atemporalidade, sobre pós- humanidade, simbolismo próprio, e a busca entender nosso passado, para compreender melhor esse presente e poder rabiscar um futuro.

Essas performances foram feitas em dois estados (Bahia e Rio Grande do Sul) durante a quarentena onde eu pesquisei o isolamento e a favela. Durante esse projeto contei com a parceria de quatro fotógrafos em diferentes momentos.

Minha proposta é pesquisar as plantas, ervas e pancs do pampa do Rio Grande do Sul, e seus usos durante a pandemia.

Ficha técnica: Criação: Maê Aura

**O olhar do artista não descansa**

25/10 às 20h - youtube / site / projeções pela cidade

Durante os meses da quarentena em decorrência da Covid-19, o artista Nelson Diniz desenvolveu esculturas a partir de resíduos do seu próprio lixo reciclável. O filme propõe um olhar sensível para essas obras, que manifestam a angústia da solidão do confinamento em contraponto com a poesia que encontramos nos seus detalhes. Nelson Diniz é o responsável, ainda, pelas imagens captadas através do seu celular em sua casa. Toda a produção respeitou as orientações de distanciamento social e os profissionais trabalharam nas suas respectivas residências. “O olhar do artista não descansa” é um sopro de vida, um alento em meio ao caos e a incerteza de uma pandemia que assola a nossa sociedade.

Ficha técnica: Artista: Nelson Diniz / Direção: Guilherme Carravetta De Carli / Colaboração criativa: Liane Venturella / Produção executiva: Letícia Vieira / Montagem: Guilherme Carravetta De Carli / Correção de cor: Juliano Moreira / Trilha sonora original: Álvaro RosaCosta / Piano: Simone Rasslan / Locução: Nelson Diniz / Edição e mixagem de som: Juan Quintáns / Estúdio de som: Convulsion Epics / Produção: Primeira Fila Produções / Agradecimentos: Cândida De Carli, Luiz De Carli e Martina Pilau / Apoio: Venturella Produções, Cia In.Co.Mo.De-Te, Convulsion Epics e CromaGato

**Os desejos de Andine**

26/10 às 20h - youtube / site / projeções pela cidade

Para o EmQuadros a artista Rita Spier propõe a criação de um experimento audiovisual baseado em uma fábula infanto-juvenil de própria autoria, investigando o hibridismo dos recursos de edição de vídeo com a linguagem dos objetos nas formas animadas. Pessoalizando o objeto: bota, pretende criar metáforas fazendo com que a condição do objeto se relacione com a condição humana abrindo um campo imagético que conduz para diferentes leituras, composto de subjetividades implícitas em um corpo-objeto.

Os Desejos de Andine:

*“Andine é uma bota amarela que diz ser impermeável, mas talvez não seja. Ela só sai de casa quando está chovendo e no final do dia quando volta para a casa, sempre che- ga encharcada de água. Em dias de sol ela fica esquecida lá na caixa de sapatos. Quando sente a caixa sacolejando, os sapatos se revirando e em seguida aquela mão humana vindo em sua direção já sabe que mais uma vez vai para a rua num dia chuvo- so. Sim, Andine sabe que o nome disso é “dia chuvoso”; ela aprendeu escutando os seres humanos. Ela escuta pela lingueta. Ao contrário dos humanos, que têm um órgão muscular que se chama língua e que auxilia na comunicação de gente falante, para as botas, a língua ou a lingueta serve para elas escutarem. Os humanos falam pela boca, as botas pela biqueira. Na verdade, pouquíssimas botas falam porque a biqueira delas é fechada e só abre depois de serem usadas por muito tempo, quando vão ficando mais velhas, surradas. Mas os humanos não aceitam ter botas com biqueiras abertas, eles logo tratam de fechá-las. Andine tem cinco anos e ainda não teve sua biqueira aberta, por isso nunca conseguiu expressar o seu maior desejo... abrir a janela e ficar nela to- mando sol, vendo o céu azul. Às vezes a mão humana a coloca na janela para ficar no sol, secando-se depois de um dia chuvoso. Mas Andine fica lá por pouco tempo. Depois de seca, volta para a caixa e lá fica esquecida mais uma vez. Andine queria o poder de abrir a janela por conta própria.”*

A personagem, ao fim, conseguirá alcançar seu desejo?

A partir de recursos de edição e manipulação de objetos, Andine se deslocará até a janela, sozinha. E lá ficará esperando pelo sol. Essa sequência final pretende criar um ar onírico, uma atmosfera surreal com esse objeto que passará a se deslocar autonomamente.

Para Andine, todos os dias são chuvosos. Ela é um objeto que está preso a essa condição.

A qual condição, nós seres humanos também estamos presos?

Dias chuvosos?

O sol virá?

Conseguiremos sentir o sol novamente como antes?

Talvez os desejos de Andine sejam exatamente os mesmos que estamos almejando nos últimos tempos.

Ficha técnica

Idealização, concepção, atuação e edição de vídeo: Rita Spier

Captação de imagens: Rebecca Rodrigues/ Trilha sonora: Zeck Morganti

**Ponto de não retorno**

27/10 às 20h - youtube / site / projeções pela cidade

A caminhada, o caminhar - pensando com o Guarani Nhandeva Almires Martins Machado, em sua tese: Exá raú mboguatá guassú mohekauka yvy marãe’y, defendida em 2015, principal referência para este trabalho - é parte fundante do guarani, é a filosofia de vida do guarani. Eu diria que é através do caminhar que o guarani agencia o mundo.

Neste vídeo, este caminhar direciona-se às retomadas de terras ancestrais, a retomada de um território em que é possível exercer o “bem viver” teko porã. Trago a caminhada de minha avó de minha bisavó, em uma ocupação de moradia na fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul, local em que minha família reside após mais de 14 anos de luta.

A forma como se deu a colonização da fronteira do Brasil foi etnocida, o conceito de etnocídio é central para pensarmos as periferias no Brasil, como foi o processo de criação do Estado brasileiro e da construção de identidade racista nacional.

Resumidamente, o etnocídio pode ser caracterizado com a expulsão dos indígenas de seu território (território que faz parte de si) e o processo de “transformar o índio em pobre”. Fenômenos chamados de “aculturação” e “branqueamento” social: “fazer o índio cidadão brasileiro”, fenômenos estes, de integração do indígena na sociedade brasileira, colocando-o em situação de peri- feria e miséria. Como resposta ao etnocídio e o empobrecimento compulsório da população indígena, surgem os movimentos de ocupação por moradia.

Na vasta literatura etnográfica encontramos o tema da caminhada profundamente relacionado com o tema de Yvy Maraey, a chamada “Terra sem males”, Machado (2015) descreve Yvy Maraey como a terra em que não se morre, onde nada tem fim, terra da perfeição. Essa terra é encontrada próxima do mar. Caminha-se em direção a esta terra com a perspectiva de bem viver, é a terra da luz.

Há um ponto de não retorno para o processo de etnocídio e ecocídio?

Ficha técnica

Imagens em vídeo e fotografias analógicas captadas, por mim, desde 2016 na ocupação em que reside minha família na fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul após uma luta de mais de 14 anos. Sobrepostas com imagens de uma performance que realizei no quarto em casa, gravado com uma câmera digital e com projeção. Os vídeos da projeção são capturas que realizei em diversos anos, mas principalmente em 2017, na travessia da praia do Cassino ao Chuy na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai. A montagem também é realizada por mim. Foi pensada para que o vídeo possa ficar em looping. As sobreposições realçam a ideia de quadro e janela, proposta do projeto.

**Só até o corredor**

28/10 às 20h - youtube / site / projeções pela cidade

O trabalho proposto é um vídeo registro inédito de uma performance de dança e malabarismo, já realizado e gravado no período de quarentena do COVID-19. Foi editado e adaptado para o projeto Em Quadros do Porto Alegre em Cena. Realizado por dois artistas que compartilham o período de quarentena, Carol Martins na performance, criação coreográfica, direção e produção e Marcelo Reis na criação da trilha sonora, filmagem e edição. "Só Até o Corredor" foi gravado na escada do prédio residencial dos artistas, na cidade de Porto Alegre. Inspirado nos limites de espaço e complexas sensações que a situação de isolamento impõe, o corpo da performer age e reage com movimentos semi convulsionados, tentando respirar profundamente enquanto lança e equilibra, além de emoções, objetos de malabarismo. Nosso trabalho questiona de maneira poética as restrições espaciais às quais fomos condicionados pela pandemia e como um corpo criativo se movimenta e respira perante essa situação.

Ficha técnica

Direção, Produção e Performance: Carol Martins / Trilha Sonora, Filmagem e Edição: Marcelo Reis

**Chá da meia-noite**

29/10 às 20h - youtube / site / projeções pela cidade

A vídeo-performance "Chá da Meia-noite" é um proposta criada a partir de uma conversa entre os integrantes do Grupo Manifestantes que residem juntos durante o isolamento social. Esta troca, trouxe a concepção de que os nossos sonhos, como artistas e cidadãos brasileiros, se tornaram pesadelos ao perceber o aumento do flerte fascista na política nacional e o medo de ver um passado, que estava só nos livros de história, se repetir. Para a performance, foram criados dois monstros através de trajes representando a vaidade e a força que o poder causa em nós. Estas criaturas se encontram em um macabro chá da meia-noite para disputar quem ficará com a última gota do que lhes é servido.

Na edição, é também utilizado um vídeo antigo, de antes da pandemia, onde um dos integrantes havia gravado em um parque para um projeto que foi interrompido com o isolamento social e a carência de suporte do poder público para inúmeras classes, entre elas a artística, o que para o nosso grupo representa a mutação do sonho em pesadelo.

Ficha técnica: Corpos em Cena: Paula Solaris e Kanauã / Imagens e Edição: Max Leidemer e Luana Terra

**DI-ÁS-PO-RA**

30/10 às 20h - youtube / site / projeções pela cidade

A água, nesta ação performativa, não é a água.

A geografia, pintada na parede, não jaz esquecida, embora nunca encontrada.

O homem, centralizado no espaço, não é um objeto - vazio de vontades e de memórias próprios.

O breve acontecimento é a evocação de uma origem e a afirmação de uma identidade que são, ambas, diaspóricas; que se resgatam, se fortalecem e se defendem das violências aniquiladoras dos descendentes dos criadores e das criações primeiros.

A poética é e se faz mensagem, e quem mensageia, amigo quer ser.

Pensem DI-ÁS-PO-RA,

e ajam,

urgentemente.

Ficha técnica

Concepção, cenário, figurino e atuação: Raul Ribeiro/ Operação de câmera e contrarregragem: Jorge Gil / Edição de vídeo: Raul Ribeiro

**COMENDO A CENA – LIVES**

Comendo a cena é uma conversa informal, uma troca virtual na hora do almoço. Valéria Barcellos bate um papo descontraído com artistas relevantes da cena atual, numa troca de textos, ideias e boas risadas.

**Sobre Valéria Barcellos**

Valéria Barcellos é cantora há quase 30 anos, atriz, DJ, performer, escritora, aspirante a fotógrafa e artista plástica, "artevista" e milituda. Fala inglês, francês e Espanhol. Também é faxineira. Ela é a vontade humana de dar vez e voz às mulheres pretas e trans. Ela é negra, sagitariana enfezada e trans, uma mulher que quer tudo ao mesmo tempo. Uma mulher que é tudo que quiser.

**Convidados do dia: Adriane Mottola e Roberto Camargo**

22/10 às 12h

**Convidada do dia: Sandra Possani**

24/10 às 12h

**Convidada do dia: Elisa Lucinda**

25/10 às 12h

**Convidada do dia: Celina Alcântara**

27/10 às 12h

**Convidada do dia: Zélia Duncan**

29/10 às 12h

**CONVERSAS EM CENA**

**Felipe Hirsch, Daniela Thomas e Felipe Tassara**

21/10 às 15h30 - youtube / site

**Carcaça**

21/10 às 18h - youtube / site

Atividade com tradução e interpretação para a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS

Fernando Zugno conversa com João Gabriel OM e João Pedro Madureira

**Gregório Duvivier e Vinícius Calderoni**

22/10 às 15h30 - youtube / site

**Terra Adorada**

22/10 às 18h - youtube / site

**Colette Sadler**

23/10 às 15h30 - youtube / site

**#paraiso\_afogado**

23/10 às 18h - youtube / site

Fernando Zugno conversa com João de Ricardo

**Corpos Ditos**

24/10 às 18h- youtube / site

Duda Cardoso conversa com Bruno Fernandes e Silvana Rodrigues.

**Kildery Iara**

24/10 às 15h30 - youtube / site

**HIPERGAIVOTA**

25/10 às 18h - youtube / site

Fernando Zugno conversa com Guega Peixoto e Francisco Gick.

**Método Rítmico**

26/10 às 18h - youtube / site

Duda Cardoso conversa com Luiza Waichel, Deliane Souza e Guadalupe Casal.

**Eliane Brum**

25/10 às 15h30 - youtube / site

**Só tem um problema nesse amor**

27/10 às 18h - youtube / site

Fernando Zugno conversa com Camila Falcão, Manuela Miranda e Lauro Fagundes.

**Gabriela Carneiro da Cunha – Parte I**

26/10 às 15h30 - youtube / site

**Gabriela Carneiro da Cunha e Raimunda Gomes da Silva – Parte II**

27/10 às 15h30 - youtube / site

**Projeto Lilith**

28/10 às 18h - youtube / site

Duda Cardoso conversa com Larissa Sanguiné, Victória Sanguiné e Guadalupe Casal.

**206820**

29/10 às 18h - youtube / site

Duda Cardoso conversa com Alexandre Borin, Camila Vergara, Fábio Cuelli, Mariana Rosa e Mauricio Casiraghi

**Mini Ball Coisa de Pretes**

30/10 às 18h - youtube / site

Fernando Zugno conversa com Katrina Lanceira, Fayola Kaliça e Ana Paula Reis.

**Iracema Gãh Té Nascimento, Raquel Kubeo e Ana Luiza da Silva**

28/10 às 15h30 - youtube / site

**Kamala Todd e Cease Wyss**

29/10 às 15h30 - youtube / site

**Andreia Pires e Andrei Bessa**

30/10 às 15h30 - youtube / site

**PONTO DE ENCONTRO 2020**

Um espaço para acompanhar os destaques da programação diária, aprofundar a análise dos espetáculos do dia anterior e conferir entrevistas e produções inéditas de áudio drama. O programa Ponto de Encontro do Porto Alegre em Cena 2020 reunirá a jornalista Bruna Paulin que receberá convidados diariamente ao vivo às 11h pela TV Em Cena. Entrevistas com atrações do festival, depoimentos sobre histórias do evento e uma análise diária de espetáculos integram os temas do programa, que também contará com uma versão em áudio, disponibilizada gratuitamente no Spotify. Um bloco com conteúdo inédito, produzido por Jaques Machado e Lincoln Camargo trará episódios em áudio drama.

“A ideia é levar o bate-papo que costumava rolar no Ponto de Encontro do festival sobre o que cada um tinha assistido, expectativas sobre a programação, para o canal do Em Cena, já que no momento ainda não podemos nos encontrar pessoalmente”, conta a jornalista e atriz. “O programa será uma agenda com as atrações de cada dia e uma análise do que foi apresentado no dia anterior, como um registro diário”, revela. A iniciativa também é voltada para valorizar a acessibilidade do festival, proporcionando conteúdo em áudio para o público cego.

Os programas serão transmitidos pela TV do festival e ficarão disponíveis no canais do YouTube e Spotify do evento.

Bruna Paulin é artista e comunicadora. Formada em jornalismo e Mestre em Comunicação pela PUCRS, atua há 15 anos no mercado da comunicação e cultura. Atualmente é editora do portal Noite dos Museus e apresenta o podcast A História do Disco.

**GALERIAS EM CENA**

O público deve agendar as visitas diretamente com as galerias que estarão abertas para visitação entre 18h e 22h, entre os dias 21 e 30 de outubro.

As obras serão exibidas de forma contínua e o público poderá aproveitar a saída para conhecer todas as galerias independentes, através de um pequeno tour em Porto Alegre. Entrada franca.

**Body A**

.ISTAFone: (051) 99891-1364 / Rua São Salvador, 461/ Galerista: Fabio Vieira de Oliveira

**Fulminante e Polígono de Poeira**

Casa Musgo / Fone: (051) 4066-5422 ou [contatocasamusgo@gmail.com](mailto:contatocasamusgo@gmail.com) / Rua Vieira de Castro, 80 / Galerista: Rodrigo Marroni

**Rarazu e K0M4**

La Photo / Fone: (051) 99963-0807 / Travessa da Paz, 44 / Galerista: Regina Protskof

**Marcha à Ré**

Galeria Bronze / Fone: (051) 99367-2336 ou e-mail bronzeresidencia@gmail.com / R. Duque de Caxias, 444 / Galerista: Andressa Cantergiani

**OFICINAS 2020**

**A prática profissional da projeção mapeada**

23/10 às 21h - youtube / site

Live em formato bate-papo sobre a prática profissional da projeção mapeada incorporada a espetáculos de teatro, música e dança, com Lívia Koeche, Jana Castoldi, Ana Girardello e Paula Pinheiro.

**Sobre Lívia Koeche**

Lívia Koeche é Arquiteta Urbanista formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Mestranda em Poéticas Visuais com a pesquisa Situações Públicas: Projeção e Projeto junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV/UFRGS), na linha de pesquisa Linguagens e Contextos de Criação, financiada pela CAPES e orientada pela Profa. Dra. Maria Ivone dos Santos. Possui experiência com realização audiovisual, direção de arte para espetáculos de música, dança e teatro, já tendo desenvolvido projetos, desde 2014, para o Theatro São Pedro, a Sala Álvaro Moreyra, Auditorium Tasso Corrêa e Salão de Atos da UFRGS. Desenvolve projetos de arquitetura efêmera e cinema expandido em contextos urbanos, dos quais é exemplo o Projeto Esqueleto, financiado pela SEDAC/RS na forma do ProCultura RS FAC entre 2017 e 2019. Atualmente reside em Porto Alegre. Portfólio online disponível em http://www.liviakoeche.cargo.site e http://www.instagram.com/liviakoeche.

**Sobre Jana Castoldi**

Jana Castoldi é Formada em Artes Visuais pela UFRGS, desenvolve videoinstalações e projetos de audiovisual expandido utilizando técnicas de videomapping há 10 anos. Participa como vj e videomaker em diversas peças teatrais, performances, shows e concertos musicais e cria videocenários para festas e eventos. No teatro, participou com projeções e vídeos em espetáculos de vários diretores gaúchos, como João de Ricardo, Thiago Pirajira, Eduardo Basegio, e Bob Bahlis. Recebeu Prêmios em Salões e Festivais de Artes Visuais em João Pessoa-PB, Garanhuns-PE e Porto Alegre. Realizou exposições individuais em Berlin-Alemanha, Porto Alegre-RS, Garanhuns-PE, Areia-PB. Páginas: https://www.instagram.com/janacastoldi/ e https://www.facebook.com/vjanavj

**Sobre Ana Girardello**

Ana Girardello é graduada em Realização Audiovisual pela Unisinos e graduanda em teatro pelo DAD-UFRGS. Desenvolve seu trabalho buscando integrar suas áreas de atuação. No momento é atriz, editora e cenógrafa autônoma para audiovisual e teatro. Desde 2014 pesquisa projeção e suas possibilidades de interação com o corpo, a ação teatral e os materiais que a potencializam. Entre os trabalhos realizados com projeção estão as instalações urbanas FANTASMAS (2015) e FANTASMAS II (2016), testes de holograma com tule; a câmera performance em Umas e Outras (2017), Café da Tarde (2018) e Intestino (2019) e Desencarnada (2020), experimentos com espelho, câmera ao vivo e projeção. Em andamento, a videoperformance conjunta Espiada (2020), é pensada para a projeção em paredões e simula janelas com vizinhos virtuais.

**Sobre Paula Pinheiro**

Graduada em Design pela Feevale. Designer, desenvolvedora de software e VJ.

Programa desde os 11 anos de idade. Participou no desenvolvimento de ferramentas de inteligência e mobilização social como portoalegre.cc, B.O. Coletivo e Taturana Mobilização Social. Atualmente integra o time de tecnologia da APOIA.se, a maior plataforma de financiamento coletivo contínuo da América Latina. Trabalha convergindo arte e tecnologia desde 2008, através de: vídeo projeção, animação, montagem e edição audiovisual, eletrônica e programação. Pode-se destacar os seguintes trabalhos artísticos: espetáculos do grupo Teatro Sarcáustico, Jogo da Memória - Prêmio Açorianos de melhor cenografia 2008 e Wonderland e O Que M. Jackson Encontrou Por Lá - Prêmio Açorianos de Teatro de melhor espetáculo 2011; Hiato do Coletivo Tônuma, com 10 indicações ao Prêmio Açorianos de Dança 2016 e Prêmio Destaque do 25ª Braskem em Cena; turnê nacional do álbum Antes Que Eu Te Conte Outra - da banda Apanhador Só; lançamento do álbum Maravilhas da Vida Moderna da Dingo Bells; lançamento do álbum A Margem da Marmota Jazz; Dispositivo gaivota, espetáculo do Coletivo Errática; Ranhuras, espetáculo de dança do Coletivo Moebius; show da Paola Kirst no festival El Mapa de Todos; show da banda As Tubas; direção e atuação como VJ no clipe da música Clitóris, do álbum Pele/Osso de Bel Medula.

**Masterclass: VideoMapping, com Lívia Koeche**

22/10 - youtube do atelier livre – clique aqui!

MasterClass sobre a prática artística da projeção mapeada (videompapping) dentro do campo do cinema expandido, a ser disponibilizada nas redes sociais da Coordenação de Artes Plásticas, do Atelier Livre Xico Stockinger e incorporado à programação do 27º Porto Alegre Em Cena. Um vídeo que articula exposição teórica, prática, exemplos e depoimentos que abordam a trajetória profissional ilustrada por realizações anteriores, articulando a narrativa sobre o processo criativo à apresentação da técnica artística. Apresenta todas as etapas necessárias para produção e realização de performance de cinema expandido, compreendendo desde uma introdução histórica e teórica da prática artística até a exemplificação das operações e dos processos técnicos e criativos envolvidos nessa linguagem contemporânea das artes visuais, passo-a-passo. São apresentados os equipamentos e suas especificações técnicas necessárias, parâmetros-guia para elaboração de projetos para tais instalações, uma relação de softwares disponíveis e a familiarização com o ambiente virtual na execução de intervenções efêmeras a partir da projeção de vídeo/luz mapeados sobre arquitetura com os uso de projetor(es).

**Sobre Lívia Koeche**

Lívia Koeche é Arquiteta Urbanista formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Mestranda em Poéticas Visuais com a pesquisa Situações Públicas: Projeção e Projeto junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV/UFRGS), na linha de pesquisa Linguagens e Contextos de Criação, financiada pela CAPES e orientada pela Profa. Dra. Maria Ivone dos Santos. Possui experiência com realização audiovisual, direção de arte para espetáculos de música, dança e teatro, já tendo desenvolvido projetos, desde 2014, para o Theatro São Pedro, a Sala Álvaro Moreyra, Auditorium Tasso Corrêa e Salão de Atos da UFRGS. Desenvolve projetos de arquitetura efêmera e cinema expandido em contextos urbanos, dos quais é exemplo o Projeto Esqueleto, financiado pela SEDAC/RS na forma do ProCultura RS FAC entre 2017 e 2019. Atualmente reside em Porto Alegre. Portfólio online disponível em http://www.liviakoeche.cargo.site e <http://www.instagram.com/liviakoeche>.

**As mulheres e o corpo-imagem – produções artísticas nas redes sociais, com Paula Trusz**

22/10 – 15h às 17h - google meet

Na contemporaneidade, as esferas da virtualidade estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano, transformando nossas formas de ser e estar no mundo. Logo, é notável que as redes sociais e os ambientes virtuais tornaram-se não apenas conteúdo para a arte, mas também seu próprio meio, alargando nossa sensibilidade, percepção e expressão. Dentro desse contexto, é possível levantar algumas especificidades no que concerne à produção artística das mulheres. Como estes trabalhos relacionam-se à questões discutidas por iniciativas feministas? Que novas temáticas surgem enquanto potência? Para elucidar essas questões, nesta aula serão discutidas as produções das artistas Cindy Sherman (Glen Ridge/EUA, 1954), Aleta Valente (Rio de Janeiro/BR, 1986), Amalia Ulman (Buenos Aires/ARG, 1989) e outras.

**Sobre Paula Trusz**

Paula Trusz Arruda é pesquisadora em artes visuais. Atualmente é doutoranda em História, Teoria e Crítica de Arte junto ao PPGAV-IA/UFRGS, e pesquisa a produção de artistas mulheres no ambiente virtual. É mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014). Desde 2017 é editora de arte da Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte.

**Maquiagem criativa, com Alma Negrot**

23/10 – 15h às 17h - zoom

Dar forma aos desejos. Este é um encontro para um olhar sensível e cauteloso no processo da maquiagem como pintura de si. Podemos dialogar com universos distintos como drag e pintura intuitiva, nosso objetivo não é profissionalizar o fazer artístico a partir de técnicas apenas, mas expandir os significados do corpo. Usando materiais diversos, desde sucata, papel, argila ou maquiagens descobrimos infinitas possibilidades de transformação. Nesse caminho nos importa mais o processo do que o resultado em si.

**Sobre Alma Negrot**

Alma Negrot é um artista multimídia que desdobra seu trabalho em performance, maquiagem e direção de arte através de editoriais de moda, publicidade ou videoclipes. Suas poéticas permeiam as infinitas possibilidades de existência e suas potências através da manufatura do corpo e ressignificação de símbolos experimentando desde cosméticos à materiais de descarte. Atualmente assina beleza de desfiles como Diego Gama e Vicenta Perrota além de desfilar para Dário Mittmann na Casa de Criadores; ministra oficinas de maquiagem criativa em todo país, sendo professor da Escola Madre; é performer residente da festa de música eletrônica Mamba Negra em São Paulo e também assina direção de arte para projetos de artistas independentes da nova cena musical como Karol Conka, Johnny Hoocker e Letrux.

**Oficina: Convocando Capytães do Cymento – Arte Decolonyal sem ser Neocolonyal, com Juão Nyn**

26/10 – 10h às 13h - zoom

Bate Papo sobre Arte, a partyr do Teatro como Colonyalydade, lynguagem esta que foy uma das 1° ferramentas para etnocýdyos e genocýdyos. Encontro focado para o públyco não yndýgena, sobre como a branquytude e a negrytude urbana podem colaborar de fato com os movymentos Yndýgenas nos campos concretos e symbólycos a favor de uma verdadeyra democracya. Provocações e reflexões para deformar o mundo únyco, cryado pela BRANQUYTUDE.

**Sobre Juão Nyn**

Juão Nyn é multiartista, atua na performance, no teatro, no cinema e na música. Potyguar(a), 31 anos, militante do movimento Indígena do RN pela APIRN, integrante do Coletivo Estopô Balaio de Criação, Memória e Narrativa, da Cia. de Arte Teatro Interrompido e vocalista/compositor da banda Androide Sem Par. Formado em Licenciatura em Teatro pela UFRN, está há cinco anos em trânsito entre Natal e São Paulo. Como ator migrante, montou “A Cidade dos Rios Invisíveis” em 2014, 3º peça da “Trilogia das Águas”, dirigida por João Batista Júnior, em residência artística no Jardim Romano, bairro da extremo Leste de SP onde completaram em 2019, 100 (cem) apresentações da obra com 5 temporadas, ganhando assim, o Prêmio SHELL de 2019 na categoria Inovação. Também atuou no filme “FOME” (2015) de Cristiano Burlan, contracenando com o ator, ex-crítico de cinema, Jean Claude Bernadet e no filme "A Moça do Calendário" (2016), dirigido por Helena Ignez. Recentemente, foi responsável pela Direção de Arte e Cenografia da peça “As Três Marias” contemplado pelo PROAC TEATRO INFANTIL 2016, novo espetáculo infantil do Núcleo Chicote de Língua, Dirigiu a peça PERIFERIDA, com 3 temporadas, contemplado pelo VAI I 2016, VAI II de 2018 e Fomento À Periferia 2019, e CTRL+DRAG - Intervenção Digital de projeção mapeada nas praças de Wifi Livre, contemplado pelo REDES & RUAS 2016, ambos em parceria com o Coletivo ACUENDA, grupo de Drags, também do Jardim Romano. Está criando uma série de 7 performances sobre ancestralidade e identidade indígena, com duas já executadas em Natal/RN e São Paulo/SP: “BROTAREMOS DA DESSERTIFICAÇÃO” e “SHAWARA – Deus das Doenças – Troca Injusta”. Após estrear em 2018 “Nos Trilhos Abertos de um leste Migrante”, 3 peças geradas a partir da experiência de escrita de cartas por estações de trem, com audio tour por trens da CPTM e uma de espaço cênico, projeto esse contemplado pelo Rumos Itaú Cultural 2016 com o Estopô Balaio, montou outro trabalho de forma independente, intitulado ROUPA SUJA, a convite do grupo AS DE FORA, baseado em contos de Marcelino Freire. Está angariando inscrições em festivais com o monólogo BOUQUET DE ÚTEROS que trabalhou como Diretor e estreou pelo VAI 1 2018, em Residência Artística no Centro de Referência de Dança com o Teatro Interrompido Cia. De Arte, com o núcleo infantil Oceaniños na Casa Balaio e lançou o segundo disco do Androide sem Par, RUYNAS, pela segunda edição do edital de Incentivo a Criação Artística - Linguagem Música. Atualmente está finalizando o primeiro livro, intitulado TYBYRA - Uma tragédia Indígena Brasileira, aprovado pelo PROAC dramaturgia 2019, com previsão para agosto de 2020 e montando as peças “Ex- Nordestinos” com o Coletivo Estopô Balaio e " Ma'e Yyramõi - Mar à vista " numa parceria entre a Cia de Arte TEATRO INTERROMPIDO e o Coletivo Nhandereguá de Teatro da Terra Indígena Piaçawera, previstas para 2021.

**Oficina: Qual o jogo de imagem de 2020? Em tempos de impossibilidade de tomar la calle Com Anelise Valls**

26/10 – 15h às 17h - google meet

O que pode a mulher no jogo de imagem de 2020? Como transpor para o público o que vivemos sendo diferentes mulheres? Vamos ver várias ações desde 1990 a maio de 2020 que nos inspiram a descontrolar as formas pelas quais o corpo da mulher– seja individual ou coletivo – se inscrevem no âmbito político e social, ou ainda: nas expressões imaginárias e artísticas. Acompanharemos as relações e dinâmicas de poder e resistência, bem como aos efeitos e tensões resultantes do discurso autoritário e patriarcal que captura o corpo feminino nas estéticas de artistas e coletivos de Peru, Uruguai, Brasil Colômbia, Chile, Argentina, Paraguai, Guatemala, Bolívia e México. Conjugando o corpo múltiplo ou as suas partes, implicadas na ideia de totalidade e unidade, importa-me explorar obras ou ações revestidas de múltiplos significados que apontem: ora para a submissão, ora para a subversão; para a associação ou a disjunção, a marginalização, para os tabus e a violência. Assim, são fundamentais para a reflexão nos atermos em outros significados que possam ingressar na relação do feminino com o corporal as estéticas de dissidência que informem tanto iniciativas individuais quanto coletivas, que tenham ou não dado relevo ao corpo político e/ou às políticas do corpo e que os evoquem, e que questionem, desse modo, os fundamentos e a constituição dos regimes, os dispositivos e os jogos de poder.

**Sobre Anelise Valls**

Filósofa, professora e doutoranda em Artes Visuais - História, Teoria e Crítica da Arte na UFRGS com ênfase na pesquisa em feminismos e história da arte contemporânea. É mestra em Filosofia pela USP com linha de pesquisa em Estética e Filosofia da arte. Participa e organiza as atividades dos Projetos de Extensão (UFRGS) Arte & Feminismo e 1 Feminismo & História da Arte e é colaboradora no projeto Histórias e Práticas Artísticas (UFRGS). Atualmente é professora de história da arte no Atelier Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, assina uma coluna mensal no Blog da PERKYSHOES e tem um projeto independente de aulas online.

**Oficina: Teatro, tecnologia e presença remota, com Mariana Lima Muniz**

27 a 30/10 – 10h às 12h - zoom

Introdução aos conceitos como: mediação e remediação, virtualidade e presença remota. Introdução aos conceitos da Filosofia do Teatro de Jorge Dubatti (2007): Teatro Matriz e Teatro Liminar; Transteatralização e teatralidade. Estudo histórico das relações entre teatro e tecnologia. Estudo crítico de obras contemporâneas que relacionam teatro e presença remota e o tensionamento da coordenada espaço-temporal entre artistas e público.

**Sobre Mariana Lima Muniz**

Atriz e diretora teatral. Professora Titular da Graduação em Teatro e da Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Pós-doutorado na Universidad de Buenos Aires com supervisão de Jorge Dubatti (2016); Doutorado em História, Teoria e Prática do Teatro na Universidad de Alcalá (Espanha) com supervisão de Angel Berenguer (2005). Licenciada em Teatro Gestual pela Real Escuela Superior de Arte Dramático de Madrid (Espanha, 2005). Licenciada em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000). Atuou e dirigiu espetáculos no Brasil e na Espanha junto a grupos e instituições como: Casa de las Américas (Espanha); Impromadrid (Espanha); Grupo Galpão (Brasil); Galpão Cine Horto (Brasil), Toda Deseo (Brasil), entre outros, de 1995 até a atualidade. Tem vários artigos e livros publicados na área de improvisação e teatro e tecnologia, dentre os quais destaca-se o livro Improvisação como Espetáculo, publicado pela Editora UFMG. É autora também de livros didáticos da área de Arte para o Ensino Fundamental e Médio nas editoras SM e Leya aprovados pelo PNLD do MEC. Foi criadora e curadora do Festival Internacional de Improvisação - FIMPRO de 2007 a 2015. É membro do conselho do International Theatre Sport Institute (Canadá) desde 2017 até a atualidade. Atualmente, é coordenadora pedagógica do Curso de Formação em Teatro Digital e supervisora do núcleo de criação Cena Web do Teatro em Mov Digital.

**Workshop: Dramaturgias híbridas e performativas – O potencial do documento com Janaína Leite**

28 a 30/10 – 15h às 17h - zoom

"O documento é mudo até que se lhe faça uma pergunta". A frase de Paul Ricoeur nos provoca a pensar o real não como algo dado, mas como algo que responde a chamados. Entender essa condição viva do documento, entendê-lo forma relacional muito mais do que historicizante, nos coloca diante dos riscos, do imprevisível, da mobilidade dos jogos de ressignificação que o documento propõe.

Dessa forma, mais do que registro, prova, monumento do vivido, o documento passa a ser disparador para as irrupções do real, do acaso, de produção de novas experiências.

O workshop parte da experiência de Janaina Leite em trabalhos como “Conversas com meu pai” e “Stabat Mater”, além de referências na arte contemporânea, para pensar o lugar e potencial do documento na produção de dramaturgias híbridas e performativas, que trabalham nos limites entre arte e vida, acontecimento e representação, experiência e registro.

A partir desse referencial, o workshop teórico-prático apresentará diferentes dispositivos para que você possa pensá-los em relação à suas pesquisas e aplicá-los no desenvolvimento de projetos autorais.

**Sobre Janaina Leite**

Janaina Leite (Shell Dramaturgia 2019 por Stabat Mater) é atriz, diretora e dramaturgista. É uma das fundadoras do premiado Grupo XIX de Teatro de São Paulo, com quem escreveu, dirigiu e atuou diversos projetos e espetáculos que circularam por todo o país e pelo exterior.

Em paralelo a trajetória com o Grupo, iniciou sua pesquisa autoral e concebe os espetáculos “Festa de Separação: um documentário cênico”, “Conversas com meu pai” e “Stabat Mater” e lançou o livro Autoescrituras performativas: do diário à cena pela editora Perspectiva, consolidando sua pesquisa sobre autobiografia e documentário no teatro. Janaina atualmente é doutoranda pela Escola de Comunicação e Artes ECA/USP e bolsista da FAPESP.

**FICHA TÉCNICA**

Diretor Geral: Fernando Zugno

Coordenação de Produção: Laura Leão

Coordenação de Programação: Duda Cardoso

Coordenação administrativa: Daniela Ramirez

Gerenciamento de Projeto: Leticia Vieira

Colaboração Curatorial: Gabriela Poester

Produção: Adriane Azevedo e Thaís Gombieski

Cenotécnica: Yara Balboni

Técnica: Maurício Moura

Assessoria de Imprensa: Agência Cigana – Catia Tedesco

Diagramação e Arte Final: Dídi Jucá

Redes Sociais: Stephanie Evaldt

Videos e Streaming ao vivo - Eroica conteúdo – Caio Amon

Tradução e Interpretação pra LIBRAS - GETTLibras – Ângelo Collioni / Sandro Fonseca / Lucas Fialho/ Vanize Flores / Vinicius Martins / Diego Costa / Kemi Oshiro

**Curadoria 15º Prêmio Braskem em Cena**

Aline Vila Real / Fernando Zugno / Ana Paula Reis / Raquel Kubeo/ Silvia Duarte / Negra Jaque / Jane Schoninger

**Júri 15º Prêmio Braskem em Cena**

Alice Urbim / Carol Anchieta / Domício Grillo / Luiz Gonzaga Lopes / Roger Lerina

**​**

**Secretaria Municipal da Cultura**

Secretário da cultura de Porto Alegre:

LUCIANO ALABARSE

Chefe de gabinete secretário da cultura: EDUARDO PAIM

Coordenação de projetos e captação: ADRIANA MENTZ MARTINS

Assessoria de planejamento: DANIELA VIEIRA / RENATO WIENIEWSKI

Administração de fundos: ALEXANDRE SOARES FERREIRA / MARCELO DE SOUZA BOESE / INÊS/ SPOLADOR DE RODRIGUES

Assessoria jurídica: PRYSCILLA BRENDLER

Assessoria de comunicação: PAULINHO BECCON / CLEBER SAYDELLES

Assessoria de gabinete: IRACI PEZENATTO FIORINI / LUCIANO KENDZIERSKI

Coordenação de apoio técnico-administrativo: MARCO ANTÔNIO DOS PASSOS MACHADO / ROSEMARI NUNES DA SILVA

Núcleo de expediente pessoal: JOSÉ MANOEL DE SOUZA SANTOS / ROSANE MONTEIRO MOTTA

**​Coordenação de Artes Cênicas**

Coordenação: FERNANDO ZUGNO

Assistência administrativa: CLAUDIA ALVES

Estagiária: MANI DOS SANTOS

Direção dos Teatros: PAULO ALÍBIO

Direção do Centro Municipal de Cultura: ELLEN D’AVILA